

Dos limites da redução do pensamento saussuriano ao movimento estruturalista

Daiane Neumann¹

Aroldo Garcia dos Anjos²

Resumo

O presente texto tem por objetivo discutir a associação de Ferdinand de Saussure, em especial do Curso de Linguística Geral, ao movimento estruturalista. Para tanto, serão revisitadas a noção de sistema no Curso e a de estrutura em autores identificados com o Estruturalismo. Em um segundo momento, apresentar-se-ão as leituras de Saussure, propostas por Émile Benveniste, Henri Meschonnic e Gérard Dessons, com vistas à formulação da noção de discurso. Dessa forma, a reflexão aponta para a impossibilidade de se tomar o sistema saussuriano como estrutura, conforme o faz o movimento estruturalista, bem como para a impossibilidade de se reduzir a amplitude das reflexões apresentadas no Curso.

Palavras-chave: Saussure. Curso de Linguística Geral. Estruturalismo. Discurso

¹ Professora do curso de Letras e do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Pelotas.

² Professor de alemão como língua estrangeira. Graduado em Letras Alemão/Português pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos.

À guisa de contextualização

Quando falamos em Ferdinand de Saussure, não é incomum a associação direta de suas ideias a termos como *estrutura* e *dicotomia*. Saussure é, pois, ao menos no imaginário das ciências humanas no Brasil, não apenas um estruturalista, mas antes o pai do estruturalismo. A influência da discussão iniciada por Saussure é, sem dúvida, imensa. A amplitude de seu pensamento pode ser constatada pela força com que conseguiu se inserir em diversas áreas do conhecimento, servindo como modelo de cientificidade para as ciências humanas. No entanto, desde meados do século XX, temos leituras de pensadores da linguagem que questionam a vinculação do autor ao movimento estruturalista, como Émile Benveniste, de maneira mais tímida, e Henri Meschonnic e Gérard Dessons, mais explicitamente.

De fato, sabemos hoje que o conjunto das reflexões de Ferdinand de Saussure não pode ser reduzido ao *Cours de Linguistique Générale*, obra póstuma organizada e publicada por seus alunos Charles Bally e Albert Sechehaye, com a colaboração de Albert Riedlinger, a partir de anotações de aulas em Genebra, entre os anos de 1906 e 1911. Ao mesmo tempo em que ministrava as aulas do *Curso*, entre 1906 e 1909, Saussure estudou a linguagem poética, a partir da pesquisa de anagramas em poemas saturninos. Os manuscritos desse estudo, porém, somente vieram a público em 1971, com a publicação de Jean Starobinski intitulada *Les mots sous les mots – les anagrammes de Ferdinand de Saussure*. Além desse material, foram descobertos, em 1996, manuscritos de Saussure com reflexões sobre linguística geral, que Simon Bouquet e Rudolf Engler editaram e publicaram em 2002 sob o nome de *Écrits de Linguistique Générale*.

A descoberta desses manuscritos, de outros cadernos de alunos que não foram utilizados e, ainda, a acusação de falsificação das ideias de Saussure por parte de Bally e Sechehaye provocam na recepção de Saussure discussões acirradas, que vão desde a consideração de todas essas obras como legado saussuriano até a exclusão do *Curso*³.

Cientes das polêmicas em torno da autoria e da pluralidade de leituras acerca do pensamento saussuriano, no presente artigo, interessa-nos revisitar o *Curso de Linguística Geral*

³ Bouquet (2009) apresenta o que chamou de dois paradigmas editoriais: o primeiro se refere àquele que considera o pensamento saussuriano, a partir do *Curso de Linguística Geral*; já o segundo considera os escritos saussurianos e os cadernos dos alunos e nasce em 1957, com a publicação de *Les Sources manuscrites du Cours de linguistique générale de Ferdinand de Saussure*, por Robert Godel. Bouquet afirma ainda que, embora a obra póstuma busque reconstruir o conteúdo do pensamento de Saussure, ela o desfigura em pontos essenciais, o que o leva a denominá-la “apócrifa”.

com a intenção de discutir alguns pontos da obra que apontariam para a inviabilidade de uma leitura estritamente estruturalista, em especial, no que concerne à noção de *sistema*. Para tanto, em um primeiro momento, discutiremos acerca de conceitos fundamentais do *Curso* que constroem a noção de *sistema*. Em seguida, abordaremos a noção de *estrutura* e sua inserção no campo da linguística. Por fim, revisitaremos a perspectiva de estudiosos da linguagem que veem em Saussure outras possibilidades de leitura, que não se encerram em pares dicotômicos e no estudo estruturalista da forma.

A noção de *sistema* em Saussure

Para uma discussão inicial sobre o *Curso de Linguística Geral* (doravante CLG), pensamos ser interessante recuperar o trajeto trilhado por Saussure na formulação da noção de *sistema*. Embora *sistema* seja uma das noções mais recorrentes no CLG, não há neste um capítulo específico dedicado a ela. Retomar o caminho sinuoso de formulação dessa noção implica rever o próprio processo de construção da linguística moderna.

Devido ao fato de os estudos da linguagem apresentarem relações estreitas com outras ciências, de maneira que nem sempre se podia dizer ao certo o que era próprio da linguística, Saussure passou a delimitar o campo de atuação dos estudos linguísticos. Após descrever o que os linguistas faziam até então – gramática tradicional, filologia, gramática comparada –, Saussure delimita a matéria e a tarefa da linguística.

Para o linguista, a matéria dessa ciência é “constituída inicialmente por todas as manifestações da linguagem humana” (SAUSSURE, 2006, p. 13). A tarefa da linguística, por sua vez, será a de dar conta da descrição das línguas, buscar deduzir as leis gerais das forças em jogo nas línguas e delimitar-se a si própria como ciência. Saussure questiona, então, o lugar da língua nos fatos humanos e a estabelece como objeto da linguística, por ser uma parte da linguagem que se pode tomar como princípio de classificação.

O objeto da linguística, como proposto por Saussure, não é dado de antemão, mas derivado de um ponto de vista, pois, “bem longe de dizer que o objeto precede o ponto de vista, diríamos que é o ponto de vista que cria o objeto” (SAUSSURE, 2006, p. 15).

A linguagem é a soma de *langue* e *parole*, língua e fala. Saussure, no entanto, decide tomar a língua como objeto da linguística, pois a linguagem é multiforme, heterogênea e não

se deixa classificar em nenhuma categoria de fatos humanos. Já a língua é um todo por si e pode ser tomada como princípio de classificação (SAUSSURE, 2006, p. 17). Saussure a define, assim, como “um sistema de signos distintos correspondentes a ideias distintas” (SAUSSURE, 2006, p. 18), um fenômeno psíquico.

Valendo-se da ideia de *gegliederte Sprache*⁴, linguagem articulada, Saussure afirma que a linguagem não é inerente ao ser humano, mas sim “a faculdade de constituir uma língua”, ao que acrescenta: essa faculdade de articular palavras tem uma dimensão social, pois “não se exerce senão com ajuda de instrumento criado e fornecido pela coletividade” (SAUSSURE, 2006, p. 18). A língua é a parte social da linguagem e é passível de ser estudada separadamente, enquanto a fala é de domínio individual (SAUSSURE, 2006, p. 21).

A língua é uma instituição social, mas isso não é o suficiente para definir sua natureza, pois outras instituições também o são. O que a diferencia é o fato de ser “um sistema de signos que exprimem ideias”, isto é, ela é uma instituição semiológica. A partir dessa noção, Saussure diz que é possível conceber uma ciência chamada semiologia, “que estude a vida dos signos no seio da vida social”. A linguística seria, assim, uma parte da semiologia (SAUSSURE, 2006, p. 24).

O signo linguístico seria uma entidade psíquica de duas faces, formada por um significante e um significado, ou seja, uma imagem acústica e um conceito, que são unidos por um vínculo de associação em nosso cérebro (SAUSSURE, 2006, p. 80).

Ao discutir o primeiro princípio da natureza do signo linguístico, a arbitrariedade, Saussure diz que o laço que une o significado ao significante é arbitrário⁵, imotivado, isto é, o significante não guarda relação natural com o significado (SAUSSURE, 2006, p. 81). O autor acrescenta à concepção de signo linguístico as noções de *imutabilidade* e *mutabilidade*: o signo é imutável, pois ele é herdado e “escapa à nossa vontade” (SAUSSURE, 2006, p. 85);

⁴ Em *Was ist Sprache?* (2008, p. 28), Jürgen Trabant aponta para uma continuação do pensamento de Humboldt em Saussure, tanto no *CLG* quanto nos manuscritos, ainda que de forma implícita. Segundo o autor, Saussure se ocupou, de modo central em sua teoria, da primeira articulação de Humboldt, “da articulação do mundo em unidades significativas” (*von der Gliederung der Welt in bedeutende Einheiten*).

⁵ É importante observar que, segundo Gadet (1996), a discussão sobre a arbitrariedade no *CLG* concerne à relação entre língua e realidade e língua e pensamento. Segundo a autora, os linguistas podem tomar o arbitrário saussuriano como um posicionamento no debate acerca do arbitrário filosófico tradicional, em função de uma certa confusão que se encontra no texto do *Curso*, a partir dos exemplos de [bœf] e [oks].

no entanto, os signos são ao mesmo tempo mutáveis, visto que evoluem no tempo, através de “deslocamento da relação entre o significado e o significante” (SAUSSURE, 2006, p. 89).

Saussure apresenta, então, duas posturas que o linguista pode adotar na observação da linguagem: o ponto de vista diacrônico, ao pensar a língua em sua evolução no tempo e observar suas transformações, deduzidas por comparação a partir do tempo presente; e o ponto de vista sincrônico, de outro lado, ao observar a língua no estado em que se encontra o locutor comum, em sua prática cotidiana, como percebida pela consciência coletiva (SAUSSURE, 2006, p. 106). Enquanto a atitude diacrônica se relaciona a uma história, a sincrônica se liga a um sistema, buscando seu funcionamento. A noção de *sincronia*, destarte, é intimamente ligada à de *sistema*.

Como consequência da arbitrariedade do signo linguístico, a língua não é um espelho do mundo, pois não o reflete. Ela não é, tampouco, um molde ao qual o pensamento se acomoda, como se preexistisse a ela. A língua medeia a expressão dos pensamentos em relação aos sons. Sem ela, o pensamento seria apenas massa amorfa, caótica. A língua não pode ser reduzida aos pensamentos, tampouco aos sons. Ela elabora suas unidades constituindo-se entre essas duas massas amorfas, numa espécie de elaboração interna (SAUSSURE, 2006, p. 131). Com as noções de *arbitrário* e *sincrônico*, Saussure ultrapassa as discussões recorrentes sobre a natureza da linguagem, que a tomavam como reflexo da razão ou imitação da natureza. Não se pode mais, assim, separar ideias e formas para pensar a significação.

Na linguística saussuriana, o valor do signo não pode ser observado de modo isolado, mas dentro de um sistema relacional, pois é o sistema que constrói o valor das partes. Deve-se, pois, “partir da totalidade solidária para obter, por análise, os elementos que encerra” (SAUSSURE, 2006, p. 132). Léxico e gramática, por exemplo, já não são mais vistos separadamente.

O valor linguístico é resultado da relação entre significante e significado no interior de um signo e da relação deste com os demais signos dentro do sistema. Um signo é, assim, o que o outro não é (SAUSSURE, 2006, p. 133). As unidades do sistema apresentam, então, uma natureza relacional.

Quanto ao funcionamento do sistema, Saussure o descreve a partir das relações sintagmáticas e das relações associativas, “duas formas de nossa atividade mental, ambas

indispensáveis para a vida da língua” (SAUSSURE, 2006, p. 142). As relações sintagmáticas, *in praesentia*, são baseadas na linearidade da língua. Já as relações associativas, *in absentia*, são de ordem mnemônica – não estão presentes no sintagma, mas incidem sobre ele (SAUSSURE, 2006, p. 143).

A partir do trajeto que tentamos reconstruir aqui, é importante para nossa discussão que sejam destacadas algumas questões. Conforme se pôde perceber, a noção de *sistema* ocupa um lugar central na discussão saussuriana. Essa noção faz parte do recorte metodológico operado por Saussure, ao dissociar o estudo da fala do estudo da língua, esta última definida como um sistema, ou melhor, um sistema semiológico.

A discussão sobre o signo linguístico, no *CLG*, também não se encontra dissociada da noção de *sistema*, na medida em que um signo é o que o outro não é, na medida em que é a totalidade do sistema que atribuirá os valores dos signos linguísticos, o que aponta para o caráter relacional e complexo do sistema, conforme postula Saussure. Dessa forma, estabelece-se que são indissociáveis as noções de *sistema*, *valor* e *funcionamento*.

Por fim, é preciso destacar que a língua somente pode ser concebida como um sistema de signos, como um sistema de valores, na medida em que as relações entre os signos e entre significante e significado são arbitrárias, conforme o mostram as leituras de Normand (2009) e Bouquet (2000), bem como é arbitrária a relação entre língua e realidade, conforme postula Gadet (1996).

A partir de tais considerações, passamos a seguir à discussão da noção de *estrutura*, conforme reflexão apresentada por Dosse (1993).

A noção de *estrutura*

Utilizado inicialmente na área da arquitetura, o termo *estrutura* passa a referenciar, em meados do século XVIII, analogamente, o corpo do ser humano, bem como sua língua. “O termo assume então o sentido da descrição da maneira como as partes integrantes de um ser concreto organizam-se numa totalidade” (DOSSE⁶, 1993, p. 15).

⁶ François Dosse busca, em seus dois volumes de *História do estruturalismo*, refletir sobre a história intelectual contemporânea, dando privilégio ao Estruturalismo. Além de analisar obras fundamentais, o autor faz uso de

Compreendemos que, se até hoje Saussure é por muitos chamado de estruturalista, em parte isso se dá pela grande influência que exerceu não apenas sobre os linguistas estruturalistas, mas também sobre as ciências conexas – sociologia, psicologia, antropologia. Parece-nos considerável, então, observar apontamentos, ainda que breves, sobre a relação de alguns estruturalistas de renome com a teoria de Saussure.

Em desacordo com os modelos oriundos das ciências da natureza, Claude Lévi-Strauss busca inspiração no modelo linguístico para, com isso, romper com o determinismo biológico na antropologia. Lévi-Strauss aproxima-se da linguística por via de Roman Jakobson e, ao inspirar-se nele, “assimila o corte⁷ saussuriano” (DOSSE, 1993, p. 43). Retoma a distinção de Saussure entre significante e significado, mas “adapta-a ao terreno antropológico ao atribuir ao significante o lugar de estrutura e ao significado o do sentido, ao passo que em Saussure trata-se, antes, de opor som e conceito” (DOSSE, 1993, p. 43). Para Lévi-Strauss, todavia, “o pai espiritual do estruturalismo” é Marcel Mauss (DOSSE, 1993, p. 48).

André Martinet aponta, na distinção saussuriana entre língua e fala, o fracasso da tentativa de estudar o fenômeno linguístico em si mesmo e por si mesmo, argumentando que Saussure, em sua formulação, cedeu à pressão da sociologia. Martinet vê no Círculo de Praga e na fonologia a definição de um programa realmente fundador do estruturalismo (DOSSE, 1993, p. 68-69) e acrescenta: “Eu sou saussuriano mas, e digo-o com a maior admiração por Saussure, ele não é o fundador do estruturalismo” (DOSSE, 1993, p. 69).

Algirdas Julien Greimas tem na figura de Louis Hjelmslev o verdadeiro fundador da linguística moderna, por seu rigor formal, construído a partir da agudização do chamado corte saussuriano, em uma concepção restritiva da língua. Em 1943, ao propor a teoria que chamou de Glossemática, Hjelmslev procurou afastar toda realidade extralinguística para, assim, chegar a uma estrutura. Sua ideia parte da noção de signo saussuriano, propondo uma cisão entre significante e significado, mas agora com os nomes de *expressão* e *conteúdo*. Tal cisão era necessária para dissociar os dois níveis de análise e poder pensar a estrutura de

mais de uma centena de entrevistas com pensadores do período, que dão testemunho sobre as discussões da época.

⁷ Estamos cientes da controvérsia que envolve essa noção. Se a mantemos, neste artigo, é justamente para evidenciar o caráter interpretativo dos estruturalistas em relação às distinções de Saussure.

modo separável e elevá-la, dessa maneira, a um nível puramente formal (DOSSE, 1993, p. 92-93).

Nos autores elencados, percebemos alguns pontos em comum: fazem referência a Saussure, mas estão em desacordo com aspectos fundamentais de sua teoria e precisam reformulá-los para poderem criar um campo conceitual adequado a seus propósitos e às teorias que procuram erigir. Há, pois, nesse período, uma diversidade de ideias que remetem à noção de *estrutura* e buscam exemplo metodológico no *CLG*, ainda que façam usos bastante particulares de suas noções.

Em texto de 1962, intitulado “*Estrutura*” em *linguística*, Benveniste discute o alcance das ideias estruturalistas em seu tempo, através da reflexão acerca de termos como *estrutural* e *estruturalista*, que passaram a designar a própria linguística nas duas décadas anteriores. Benveniste se propõe, então, a explicar o uso do termo *estrutura* pelos primeiros linguistas que o utilizaram. Nessa exposição, chama a atenção o seguinte comentário de Benveniste:

Chamou-se a Saussure, com razão, o precursor do estruturalismo moderno. Ele o é, seguramente, exceto num ponto. É importante notar, para uma descrição exata desse movimento de ideias que não se deve simplificar, que Saussure jamais empregou, em qualquer sentido, a palavra *estrutura*. Aos seus olhos a noção essencial é a de *sistema* (BENVENISTE, 1989, p. 98).

A partir do chamado Círculo de Praga, torna-se cada vez mais frequente o uso do termo *estrutura*, em especial com o sentido de “estrutura de um sistema”, utilizado, sobretudo, pelos primeiros fonologistas. Os adeptos dessa tendência passam a tomar as línguas como sistemas e a analisar suas estruturas, sob o “ângulo estruturalista” (BENVENISTE, 1989, p. 102). Porém, dada a imprecisão do termo *estrutura*, ele passa a ser usado para os mais diversos fins, por tendências bastante divergentes.

Em contraposição a Benveniste, Dosse (1993) observa que “Saussure emprega apenas em três ocasiões o termo ‘estrutura’ no *Curso de Linguística Geral*” (DOSSE, 1993, p. 15). Afirma ainda o autor que “é sobretudo a Escola de Praga (Troubetzkoy e Jakobson) que vai definir o uso dos termos estrutura e estruturalismo” (DOSSE, 1993, p. 15), já que “a referência ao termo estruturalismo como programa fundador, tendência especificada por seu método de abordagem, é reivindicada pelo linguista dinamarquês Hjelmslev, que funda em 1939 a revista *Acta Linguistica*, cujo primeiro artigo trata de ‘linguística estrutural’” (DOSSE, 1993, p. 15).

A partir da observação feita por Dosse (1993), buscamos pelo termo estrutura no *CLG*. A primeira ocorrência encontrada foi nas páginas 151 e 152: “Se, por exemplo, em grego *m, p, t* etc., não podem nunca figurar no fim de uma palavra, isso equivale a dizer que sua presença ou sua ausência em tal lugar conta na estrutura da palavra e na da frase”. Nessa passagem, no capítulo intitulado *Mecanismo da língua*, ao explicar o funcionamento simultâneo de aproximações associativas e sintagmáticas, Saussure utiliza o termo *estrutura* referindo-se à palavra e à frase, para explicar os procedimentos de fixação e de escolha nas unidades mínimas e nos elementos fonológicos, “quando estão revestidos de um valor” (SAUSSURE, 2006, p. 151).

A segunda ocorrência do termo encontra-se na página 207 do *CLG*: “Empregam-se amiúde os termos de *construção* e de *estrutura* a propósito da formação das palavras; esses termos, porém, não têm o mesmo sentido conforme se apliquem à aglutinação ou à analogia”. Percebemos que aqui, no capítulo chamado *A aglutinação*, ao diferenciar os processos de aglutinação dos de analogia, Saussure faz uso do termo *estrutura* ao referir-se à formação de palavras, uso aparentemente comum na época.

A terceira e última ocorrência aparece na página 217: “Em certos idiomas, caracteres precisos assinalam a raiz para os falantes. É o caso do alemão, em que tem um aspecto assaz uniforme; quase sempre monossilábica (cf. *streit-, bind-, haft-* etc.), ela obedece a certas regras de estrutura: os fonemas não aparecem nela numa ordem qualquer”. No apêndice, dedicado à *análise subjetiva* e à *determinação das subunidades*, Saussure retoma a importância da análise sincrônica, pois, como já havia mencionado no tópico anterior – sobre *Análise subjetiva e análise objetiva* –, a análise histórica, que se tem por objetiva, não passa de uma forma derivada, visto que projeta “num plano único as construções de diferentes épocas” (SAUSSURE, 2006, p. 214). No exemplo em questão, Saussure se vale do termo *estrutura* apenas para fazer referência à ordenação dos fonemas, um aspecto secundário na discussão que o autor ali faz sobre a percepção dos falantes em relação ao que é raiz de uma palavra.

Da constatação do uso praticamente irrisório, no *CLG*, da palavra *estrutura*, alguns aspectos nos parecem consideráveis. O termo *estrutura* aparece apenas na segunda (uma vez) e na terceira parte (duas vezes) do *CLG*, dedicadas à linguística Sincrônica e Diacrônica, respectivamente, ainda assim como rápida referência a aspectos de menor destaque no *Curso*. Das mais de 100 páginas anteriores, responsáveis por definir conceitos fundadores de sua

teoria e erigir a noção de *sistema*, que perpassa toda obra, nenhuma referência à *estrutura* é feita.

Nas passagens em questão, a referência que se faz é à estrutura da palavra, da frase, da formação da palavra, da ordenação dos fonemas. Ainda que a Benveniste tenham escapado essas três ocorrências do termo *estrutura*, a análise delas aqui corrobora para sua desconsideração, pois, em nenhum momento, a palavra *estrutura* é utilizada em lugar de *sistema*. Os estruturalistas, como sabemos, denominaram *estrutura* o que Saussure denominou sempre de *sistema*. Como apontou Dosse (1993, p. 66), Saussure empregou o termo *sistema* cento e trinta e oito vezes no *Curso*, uma obra de menos de trezentas páginas – o que aponta para uma centralidade dessa noção dentro do campo conceitual que se esboçava.

A próxima seção busca, a partir da discussão sobre o uso do termo *estrutura* pelos estruturalistas e a sua ocorrência irrisória no *CLG*, refletir acerca de um Saussure que se encontra distante da noção de *estrutura*, a fim de considerá-lo como um pensador da linguagem que inicia uma reflexão que, mais tarde, tornou possível a “invenção”⁸ da noção de *discurso* por Benveniste e a construção de uma poética por Meschonnic.

Um Saussure distante da noção de *estrutura*

Segundo Claudine Normand, em sua obra intitulada *Saussure*, “dizer *sistema* é definir um *interior*, uma ordem própria da língua” (2009, p. 50). É essa ideia de ordem própria que permite fundar o princípio da imanência, ou seja, a possibilidade de poder estudar a língua em si mesma, não em função de outros fenômenos. Do modo como são formuladas, as noções de *signo*, *arbitrariedade* e *valor* contribuem para a consolidação dessa ordem interna.

A interpretação estruturalista, favorecida pela ignorância em relação aos manuscritos, acentuou a divisão entre língua e fala, suscitando uma rejeição maciça tanto a Saussure quanto aos próprios estruturalistas. Para Normand (2009), *sistema* foi logo substituído por *estrutura*, ora pelo uso comum da palavra, ora por remeter à metalinguagem do formalismo.

⁸ Utilizamos o termo *invenção* conforme o faz Gérard Dessons (2006), no título da obra que consta nas referências deste artigo, *Émile Benveniste: l'invention du discours*.

Os estruturalistas tinham como princípio metodológico de base não considerar o sentido, pois ele era concebido como subjetivo e, portanto, inobservável. Normand (2009) aponta, porém, na concepção de gramática de Saussure uma discussão sobre sentido, que, embora não de todo demonstrada, é fortemente afirmada. Para Saussure, “quem diz gramática diz sincrônico e significativo” (SAUSSURE, 2006, p. 156), ao que adiante acrescenta: “uma unidade material não existe senão pelo sentido, pela função de que se reveste [...] Inversamente [...] um sentido, uma função, só existem pelo suporte de alguma forma material” (CLG, p. 162 *apud* NORMAND, 2009, p. 103).

Se há sentido, há, então, sujeito? Esse ponto é esclarecido em Normand (2009) a partir da distinção entre língua e fala, argumentando que relegar o sujeito, ou, pelo menos, o indivíduo, à fala não resolveu a questão. Segundo a autora, o indivíduo está sempre presente nas formulações de Saussure, seja de modo passivo, por sofrer a imposição da língua que é depositada em seu cérebro, seja de maneira ativa, por poder interpretar as formas e recriá-las ao empregá-las.

Parece-nos pertinente retomar, aqui, um apontamento de Saussure: “sem dúvida, esses dois objetos estão estreitamente ligados e se implicam mutuamente; a língua é necessária para que a fala seja inteligível e produza todos os seus efeitos; mas esta é necessária para que a língua se estabeleça (SAUSSURE, 2006, p. 27).

A observação de Saussure aponta para a interdependência de língua e fala, não para uma cisão. Se há no *CLG* uma separação entre os dois objetos, esta se dá claramente do ponto de vista metodológico, para fins de pesquisa. Por conseguinte, podemos pensar em um sujeito implicitamente presente na concepção saussuriana de língua.

Jean-Michel Adam, em sua obra *La linguistique textuelle: introduction à l'analyse textuelle des discours*, dedica um tópico de seu primeiro capítulo ao que chama de “língua discursiva” de Ferdinand de Saussure. Analisa a “Nota sobre o discurso”⁹ de Saussure, bem como a presença de reflexões sobre o discurso nos *Escritos*. Consideramos interessante, no entanto, um trecho extraído do *CLG*, destacado por Adam: “cumpre reconhecer, porém, que no domínio do sintagma não há limite categórico entre o fato de língua, testemunho de uso

⁹ Apresentada pela primeira vez em 1969, por Starobinski.

coletivo, e o fato de fala, que depende da liberdade individual” (CLG, p. 145 *apud* ADAM, 2008, p. 33).

Em sua dimensão sintagmática, a frase pertence à língua; em sua dimensão discursiva, à fala. A frase encontra-se, assim, no limite entre língua e fala. Essa questão, aliás, já havia sido levantada por Normand, que vê as relações associativas e sintagmáticas como indissociáveis do sujeito falante, o que possui uma implicação metodológica para o linguista: “sintaxe e semântica são inseparáveis nessa descrição” (2009, p. 165).

Da maneira como foi exposta, essa é uma questão que ficou aberta no *Curso* de Saussure, um impasse para o qual o autor talvez não teve tempo de chegar a uma solução, mas que, porém, como a questão do sujeito, incidia sobre sua teoria. Língua e fala, assim como sintagma e associação, a partir dessa perspectiva, não podem ser vistas como dicotômicas, visto uma ser a possibilidade da outra.

No texto intitulado “Seul comme Benvensite”, publicado na coletânea *Dans le bois de la langue*, Henri Meschonnic afirma que “Saussure não é estruturalista”¹⁰ (2008, p. 364). Segundo Meschonnic, a versão estruturalista de Saussure exclui a língua da fala, assim como transforma em pares de exclusão mútua a diacronia e a sincronia, o paradigma e o sintagma e toma o arbitrário como convenção. No entanto, em Saussure, encontramos o contrário do que diz a “vulgata estruturalista”¹¹ (MESCHONNIC, 2008, p. 364). Nele, a fala não está excluída do sistema de signos que seria a língua. Contudo, é distinta como objeto de estudo, mas não em seu funcionamento, que seria sempre individual.

Dessons (2006), utilizando-se das palavras de Meschonnic, atenta para o fato de que a pesquisa do discurso faz necessariamente uma leitura diferente daquela dos estruturalistas, que didatiza e escolariza o pensamento do linguista em língua/fala, sincronia/diacronia, com o pressuposto do rigor da continuidade entre Saussure e o estruturalismo. Segundo os autores, para o discurso, é a estratégia da historicidade que é fundadora, em Saussure, com e apesar de seu inacabamento. Assim, quatro são os princípios fundadores de um pensamento sobre o discurso que nascem da linguística saussuriana:

O “radicalmente arbitrário” do signo, condição de historicidade radical da linguagem, e do discurso; o pensamento do funcionamento, ao mesmo tempo contra a origem e contra as “subdivisões tradicionais” (léxico,

¹⁰ Tradução nossa, no original: “Saussure n’est pas structuraliste”.

¹¹ Tradução nossa, no original: “vulgate structuraliste”.

morfologia, sintaxe); o valor, contra a noção de sentido; e o sistema, contra o historicismo, a nomenclatura, mas também a estrutura, com a qual o estruturalismo confundiu a noção de sistema¹² (MESCHONNIC *apud* DESSONS, 2006, p. 184).

Essa reflexão proposta por Meschonnic e Dessons interessa àqueles que se debruçam não somente sobre a obra de Saussure, mas também sobre a de Benveniste, na medida em que torna possível compreendermos de que forma as noções propostas no *CLG* são essenciais e estão incorporadas na noção de *discurso* de Benveniste.

Ao final do texto “Semiologia da língua”, Benveniste (2006) afirma ser “necessário ultrapassar a noção saussuriana do signo como princípio único” e que essa passagem far-se-ia por duas vias: “na análise intralingüística, pela abertura de uma nova dimensão de significância, a do discurso, que denominamos semântica, de hoje em diante distinta da que está ligada ao signo, e que será semiótica” e “na análise translingüística dos textos, das obras, pela elaboração de uma metassemântica que se construirá sobre a semântica da enunciação” (BENVENISTE, 2006, p. 67).

Essa abertura de uma nova dimensão de significância, a do discurso, não é, em Benveniste, a fala de Saussure. Isto é, não se trata da linguística que teria sido “excluída” do estudo da língua por Saussure. Trata-se de uma nova dimensão de significância que se constrói a partir da noção de *arbitrariedade* proposta no *CLG*, visto que em Benveniste o discurso não remete a uma realidade pré-existente, pré-concebida, mas constitui a realidade. Ou seja, a noção de *discurso* proposta por Benveniste deriva e, por isso, carrega em seu bojo a concepção de que a língua, em sua dimensão semiótica, trata-se de um sistema de valores arbitrário.

Também é decorrente da reflexão saussuriana, proposta no *CLG*, em especial no que tange aos conceitos de *sistema*, *valor* e *arbitrariedade*, a subjetividade na linguagem, conforme concebida por Benveniste. O linguista sírio traz em sua obra as noções de *locutor* e de *sujeito da linguagem*. O primeiro está atrelado ao indivíduo engajado no processo de locução; o segundo, contudo, trata-se de um sujeito que se constitui e se constrói *na* e *pela* linguagem, *na* e *pela* enunciação de seu discurso. Decorre dessa distinção que o sujeito da linguagem trata-

¹² Tradução nossa, no original: “Le ‘radicalement arbitraire’ du signe, condition de l’historicité radicale du langage, et du discours; la pensée du fonctionnement, à la fois contre les ‘subdivisions traditionnelles’ (lexique, morphologie, syntaxe); la valeur, contre la notion de sens; et le système, contre l’historicisme, la nomenclature, mais aussi la structure, avec laquelle le structuralisme a confondu la notion de système”.

se de um efeito do discurso, na medida em que não preexiste à enunciação, não é dado previamente.

A noção de *sujeito da linguagem* de Benveniste, assim como a concepção de discurso, é devedora da noção de *arbitrariedade da língua*, pois o sujeito somente pode ser concebido como um efeito do discurso porque a língua é arbitrária, porque ela significa, portanto, constitui os sujeitos, o mundo, a cultura, a sociedade. Assim, por ser arbitrária, forma um sistema de valores com funcionamento próprio.

É tomando as noções propostas por Benveniste de *discurso* e de *subjetividade na linguagem*¹³, noções que carregam, portanto, as noções basilares do pensamento saussuriano, que Meschonnic se propõe a fazer aquilo que Benveniste não faz, “uma metassemântica que se construirá sobre a semântica da enunciação” (BENVENISTE, 2006, p. 67): a poética do ritmo¹⁴.

A partir dessa outra leitura da obra saussuriana que começa a despontar em Benveniste, tanto no que tange à observação da confusão, à época, entre a noção de *sistema* e a de *estrutura*, quanto à proposição de “abertura de uma nova dimensão de significância, a do discurso” (BENVENISTE, 2006, p. 67), Meschonnic (2007) afirma que:

1. Em Saussure, a noção de sistema é uma noção eminentemente dinâmica. O estruturalismo a lê como estrutura, enfatizando o caráter formal e a-histórico;
2. Saussure afirma a primazia do ponto de vista, ao passo que o estruturalismo propõe uma descrição da natureza da linguagem;
3. Em Saussure, a teoria da linguagem tem uma sistematicidade inteiramente dedutiva, o estruturalismo, por sua vez, faz ciências descritivas da linguagem;
4. Língua e fala em Saussure são pensadas como discurso, enquanto o estruturalismo as pensa dicotomicamente;
5. A teoria da linguagem saussuriana postula uma poética, contrariamente à perspectiva que vê o linguista antagonicamente, não

¹³ É importante ressaltar que também são basilares para a constituição da obra de Meschonnic: a discussão sobre o semântico sem semiótico, apresentada por Benveniste em “Semiologia da língua”, publicado em *Problemas de linguística geral II*, bem como a reconstrução semântica da palavra “ritmo”, no texto “O ‘ritmo’ em sua expressão linguística”, publicado em *Problemas de linguística geral I*.

¹⁴ Ver *Critique du rythme – anthropologie historique du langage*, de Henri Meschonnic, publicado pelas *Éditions Verdier*, na França.

sabendo como articular o Saussure do Curso (Saussure, 1972) ao Saussure dos Anagramas (Starobinski, 1971);

6. Em Saussure o associativo é múltiplo e se opõe ao sintagma; no estruturalismo, há uma oposição binária entre o paradigma e o sintagma;

7. Para o linguista o signo radicalmente arbitrário se funda numa historicidade radical; no estruturalismo, o arbitrário é lido como convencionalismo;

8. Em Saussure, sincronia e diacronia são solidárias, fazem parte de uma única história em movimento; para o estruturalismo, há uma oposição estanque entre sincronia como estado atual da língua e diacronia como movimento da história;

9. Enquanto Saussure funda sua crítica nas divisões tradicionais do léxico, da sintaxe, da morfologia, no estruturalismo, o que predomina é o pensamento dicotômico do signo, o descontínuo¹⁵ (MESCHONNIC, 2007, p. 51-52).

Dessons (2005), em artigo intitulado “Le discursif” e publicado na revista *Langages*, opõe-se ao que chamou de uma “visão esquizofrênica”¹⁶ de um Saussure que seria ao mesmo tempo racionalista, aquele das dicotomias do *Curso*, e “delirante-desejante”¹⁷, aquele dos anagramas dos *Cahiers*. Segundo o estudioso da linguagem, essa dicotomia oculta, de certa maneira, a preocupação do linguista genebrino com o pensamento da discursividade da linguagem.

Pautando-se na leitura dos *Écrits de linguistique générale* e dos *Cahiers*, Dessons (2005) discute sobre a preocupação que nasce da reflexão saussuriana acerca do discurso. Para o autor, a literatura preenche nos *Écrits* a função de motor para uma reflexão epistemológica sobre a linguagem. Além disso, o trabalho de Saussure sobre a poesia saturnina, nos anagramas, permite “legitimar, enquanto regras de composição, leis de linguagem inaceitáveis para uma ciência linguística que estava sendo constituída, e, sobretudo, uma ciência da linguagem que situa a questão do signo no centro de sua reflexão”¹⁸ (DESSONS, 2005, p. 38).

¹⁵ Tradução de Márcia Atálla Pietroluongo, presente no texto “Signo, sujeito e tradução”, publicado em *Tradução em Revista*, em 2009, p. 1 e 2.

¹⁶ Tradução nossa, no original: “vision schizophrénique”.

¹⁷ Tradução nossa, no original: “délirant-désirant”.

¹⁸ Tradução nossa, no original: “légitimer, en tant que règles de composition, des lois de langage inacceptables pour une science linguistique en cours de constitution, et, surtout, une science du langage qui place la question du signe au centre de sa réflexion”.

Considerações finais

A reflexão que propusemos neste artigo busca discutir acerca da possível associação de Saussure ao estruturalismo, já que, pelo menos no meio acadêmico brasileiro, esse discurso ainda é bastante corrente. Para isso, buscamos apresentar uma leitura sobre a construção da noção de *sistema*, a partir do *CLG*. Fazer esse percurso mostra uma singularidade de leitura, tanto por atribuímos destaque e importância para um conceito fundamental na obra saussuriana, mas que muitas vezes é relegado a segundo plano, quanto por mostrarmos um percurso de leitura que busca manter-se fiel ao percurso do *CLG*. Em um segundo momento, buscamos trazer à tona a discussão sobre o movimento estruturalista, bem como o que se concebe como estrutura, a fim de destacar, assim como o faz Benveniste, que sistema e estrutura não podem ser concebidos como sinônimos e que a escolha do uso da palavra estrutura pelos estruturalistas traz consequências teóricas bastante particulares e pertinentes. Por fim, trouxemos a discussão apresentada por leitores de Saussure que propõem uma leitura bastante distante daquela dos estruturalistas. Essas leituras são questionadoras da diferença entre sistema e estrutura, das famosas dicotomias, tão propaladas, e apresentam o pensamento saussuriano como aquele que possibilita uma discussão sobre discurso, sobre a subjetividade na linguagem e até mesmo sobre a linguagem poética.

Muitas das reflexões propostas aqui se dão a partir de um Saussure do *CLG*, sendo somente ao final que entramos em algumas discussões que podem ser levantadas a partir dos *Écrits* e dos *Cahiers*. Essa escolha foi proposital, a fim de mostrar que a publicação das fontes manuscritas apenas reforça muitas das reflexões que já haviam sido elaboradas por Benveniste, Meschonnic e Normand, por exemplo. Logo, não podemos reduzir o pensamento saussuriano ao rótulo de estruturalista, nem mesmo quando nos detemos a investigar somente o Saussure do *CLG*.

Não queremos aqui desconsiderar o fato de que o movimento estruturalista nasceu da influência do *CLG* e do pensamento saussuriano, nem mesmo desconsiderar que muito do que se produziu a partir de então em linguística deveu-se à leitura estruturalista do *Curso*, tanto para aderir ao programa saussuriano tal como era concebido quanto para se opor a ele. Chamamos a atenção, no entanto, para o fato de que o legado saussuriano é muito mais complexo e rico, o que fica mais claro quando temos contato com as fontes manuscritas.

Dessa forma, concordamos com Dessons (2005, p. 19) quanto ao tratamento que deve ser dado a Saussure: “trata-se portanto de ler os textos novos, mas também de reler os

textos antigos. E lê-los não contra o *Curso*, mas com ele, como com todos os textos de Saussure com os quais é necessário dialogar, na manutenção da singularidade de cada um”¹⁹. Assim, acreditamos que se pode compreender Saussure na sua amplitude e complexidade, sem reducionismos que nos impossibilitam pensar sobre a pertinência do seu legado.

Referências

ADAM, Jean-Michel. **A linguística textual**: introdução à análise dos discursos. São Paulo: Cortez, 2008.

BENVENISTE, Émile. “Estrutura” em linguística. In: _____. **Problemas de Linguística Geral I**. São Paulo: Pontes, 1989.

_____. Semiologia da língua. In: _____. **Problemas de Linguística Geral II**. São Paulo: Pontes, 2006.

BOUQUET, Simon. Introdução à leitura de Saussure. São Paulo: Cultrix, 2000.

_____. De um pseudo-Saussure aos textos saussurianos originais. **Letras e Letras**, v. 25, nº 1, jan./jun. 2009.

DESSONS, Gérard. Du discursif. **Revue Langages**, nº 159, set. 2005.

_____. Émile Benveniste, l'invention du discours. Paris: In Press Eds, 2006.

DOSSE, François. **História do estruturalismo**, v. 1: o campo do signo, 1945-1966. São Paulo: Ensaio; Campinas: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1993.

GADET, Françoise. **Saussure**: une science de la langue. Paris: PUF, 1996.

MESCHONNIC, Henri. **Éthique et politique du traduire**. Lonrai: Verdier, 2007.

_____. Seul comme Benveniste. In: _____. **Dans le bois de la langue**. Paris: Edition Laurence Teper, 2008.

NORMAND, Claudine. **Saussure**. São Paulo: Estação Liberdade, 2009.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de Linguística Geral**. São Paulo: Cultrix, 2006.

TRABANT, Jürgen. **Was ist Sprache?** München: Beck, 2008.

¹⁹ Tradução nossa, no original: “Il s’agit donc de lire des textes nouveaux, mais aussi de relire des textes anciens. Et les lire non pas contre le *Cours*, mais avec lui, comme avec tous les textes de Saussure qu’il est nécessaire de faire dialoguer, dans le maintien de leur singularité”.

Abstract

This paper intends to discuss the affiliation of Ferdinand de Saussure, especially the Course in General Linguistics, to the structuralism movement. To achieve this goal, the notions of system in Course in General Linguistics and structure in some structuralist scholars' works will be revisited. Subsequently, the readings of Saussure's work by Émile Benveniste, Henri Meschonnic and Gérard Dessons will be presented with special attention to the way the notion of discourse is constructed. Thus, this work shows that we cannot regard the saussurian system as a structure – as the structuralism does – and that the range of the reflections in the Course in General Linguistics cannot be underestimated.

Keywords: *Saussure. Course in General Linguistics. Structuralism. Discourse*

Recebido em: 19/03/2018.

Aceito em: 12/06/2018.